

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO  
SUL DE MINAS GERAIS – CAMPUS MUZAMBINHO CeCAES

Curso Superior de Bacharelado em Educação Física

---

**DAYVID CELSO SILVA OLIVEIRA  
ULISSES MORI FERREIRA VILELA**

**A PERCEPÇÃO DOS TREINADORES DE VOLEIBOL SOBRE A  
CONSTRUÇÃO DE MASCULINIDADES DE JOVENS ATLETAS**

MUZAMBINHO  
2016

**DAYVID CELSO SILVA OLIVEIRA  
ULISSES MORI FERREIRA VILELA**

**A PERCEPÇÃO DOS TREINADORES DE VOLEIBOL SOBRE A  
CONSTRUÇÃO DE MASCULINIDADES DE JOVENS ATLETAS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Bacharelado em Educação Física do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais Câmpus Muzambinho – CeCAES como requisito à obtenção do título de Bacharel em Educação Física.

Orientadora: Prof. Dra. Mariana Zuaneti Martins

MUZAMBINHO  
2016

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof °: \_\_\_\_\_

Prof °: \_\_\_\_\_

Orientadora: Prof ª: \_\_\_\_\_

Muzambinho, \_\_\_\_ de \_\_\_\_ de 2016.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus que é, acima de tudo, o responsável por todas as conquistas na vida, a minha família pelo incentivo e apoio para que eu sempre continuasse estudando, aos meus amigos que me fizeram acreditar que eu podia a cada momento que eu achava que não era capaz, em especial ao meu melhor amigo, Douglas, por ter entrado nessa comigo e mesmo com todas as dificuldades e por todos os meus surtos se manteve sempre forte apesar de eu ver que era o contrário, nunca deixou a peteca cair e foi e irá comigo sempre até o fim, a professora Mariana que não poupou esforços para nos ajudar na criação do trabalho, por nos aguentar todos esses dias em sua cabeça e nos incentivar a continuar sempre, sem ela isso não seria possível, agradeço também aos meus alunos que estão comigo diariamente me fazendo crescer tanto como pessoa como profissional e presenciaram toda a minha caminhada até a finalização desse trabalho.

Dayvid Celso Silva Oliveira

Agradeço em primeiro lugar a Deus que iluminou o meu caminho durante esta caminhada a minha professora e orientadora que teve paciência e que nos ajudou bastante na conclusão deste trabalho, agradeço também aos meus professores que durante muito tempo me ensinaram e que me mostraram o quanto estudar é bom. Aos meus pais, irmãos e toda minha família que, com muito carinho e apoio, não mediram esforços para que eu chegasse até esta etapa de minha vida.

Ulisses Mori Ferreira Vilela

*“Veja o mundo não como é, mas como deveria ser.”*

*Glee*

OLIVEIRA, Dayvid Celso Silva; VILELA, Ulisses Mori Ferreira. **A PERCEPÇÃO DOS TREINADORES SOBRE A IMPORTÂNCIA DO VOLEIBOL NA CONSTRUÇÃO DE MASCULINIDADES DE JOVENS ATLETAS.** 2016. 35 f. TCC (Graduação) - Curso de Educação Física, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais – Campus Muzambinho – Cecaes, Muzambinho, 2016.

## **RESUMO**

O treinador está presente no mundo esportivo, se estabelecendo como um protagonista e percurso e promotor do desporto, que leva seus atletas para determinados rumos se destacando socialmente entre eles, nessa relação de treinador e aluno. Sendo assim, estudos sobre o seu papel rumo à construção de identidades e masculinidades de jovens atletas relacionados ao voleibol, esporte culturalmente generificado, julga-se importante. Em função disso, o objetivo desse trabalho foi analisar a percepção dos treinadores sobre importância do voleibol na construção das identidades de seus alunos. Para tanto, foi aplicada uma entrevista semiestruturada nos treinadores de respectivas regiões sobre questões como preconceito, construção de identidades, perfil ideal de atleta e sobre sua experiência no voleibol. Os resultados da pesquisa mostram que há uma grande importância dada ao papel do treinador na construção de identidades e masculinidades de jovens atletas além da importância de várias qualidades físicas e psicológicas que, para os treinadores são essenciais para um bom atleta, na proteção frente ao preconceito, e na preparação para a vida. Dada a análise dos dados e dos pontos mais importantes do trabalho, concluiu-se que o papel do treinador é muito importante durante a passagem do atleta por esse ciclo, é nessa fase que o treinador os direciona a cumprir o seu papel de atleta dentro de quadra e de cidadão fora dela. Concluiu-se também que o voleibol é um construtor de identidades e provedor de diversas masculinidades.

**Palavras-Chave:** Treinador, Voleibol, Masculinidades

## **ABSTRACT**

The coach is present in the sporting world, establishing himself as a protagonist and course and promoter of the sport, which leads his athletes to certain social standing out among them, in this relation of coach and student. Thus, studies on their role in building identities and masculinities of young athletes related to culturally generalized sport volleyball judges important. As a result, the objective of this study was to analyze the coaches' perception of the importance of volleyball in the construction of identities and their students. To do so, we applied a semi-structured interview in the coaches of respective regions on issues such as bias, identity construction, ideal athlete profile and their experience in volleyball. The results of the research show that there is a great importance given to the role of the coach in the construction of identities and masculinities of young athletes besides the importance of several physical and psychological qualities that for the coaches are essential for a good athlete in the protection against prejudice, And in preparation for life. Given the analysis of the data and the most important points of the work, we can conclude that the role of the trainer is very important during the athlete's passage through this cycle, at which point the trainer directs them to fulfill their role of athlete in court and Citizen outside it. We also conclude that volleyball is an identity constructor and provider of various masculinities.

**Key words:** Coach, Volleyball, Masculinities

## **LISTAS DE QUADROS**

Quadro 1 – Experiências no voleibol .....	20
Quadro 2 - Preconceito no voleibol .....	22
Quadro 3 - Voleibol como esporte feminino .....	24
Quadro 4 - Voleibol como construtor de identidades .....	26
Quadro 5 - Perfil ideal do atleta .....	28

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO .....	10
1.1 Vivência Prática .....	10
1.2 Relato de Experiência.....	10
1.3 O treinador e sua importância .....	10
1.4 O voleibol e sua influência .....	11
1.5 Masculinidades em questão.....	12
2. JUSTIFICATIVA.....	16
3. OBJETIVOS.....	17
3.1 Objetivo Geral .....	17
3.2 Objetivos Específicos.....	17
4. PERCURSOR METODOLÓGICO .....	18
5. RESULTADOS E DISCUSSÕES .....	20
5.1 Experiências no Voleibol .....	20
5.2 Preconceito no voleibol.....	21
5.3 Voleibol como esporte feminino.....	23
5.4 Voleibol como construtor de identidades.....	25
5.5 Perfil ideal de atleta .....	27
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	30

# **1. INTRODUÇÃO**

## **1.1 Vivência Prática**

Um dos fatores que motivou a pesquisa foi a vivência de um dos autores – Dayvid C.S Oliveira - como treinador de voleibol. Para introduzir o texto, foi decidido então começar com um breve relato de experiência do mesmo.

## **1.2 Relato de Experiência**

O voleibol entrou em minha vida no momento mais importante da mesma, onde o nosso corpo passa por grandes transformações, tanto em sua anatomia quanto de fatores psicológicos e motivacionais que nos levam a assumir ou se orientar por diferentes caminhos. Com o voleibol pude aprender muitas coisas, vivenciei diferentes situações, tanto quando treinava, jogava ou quando dava treinos e passava um pouco do que aprendi para aqueles que mais tarde seriam meus alunos. Hoje posso dizer que o voleibol contribuiu para muitas decisões que tive que tomar perante a vida. O que definiu a minha maneira de pensar, sentir e agir em diferentes fases, para descobrir formas de me posicionar e me manifestar, e hoje, vejo que o voleibol e seus vários aspectos foram primordiais. E como todo atleta tem seu treinador, eu vi nele grande apoio naquela época quando eu ainda era um adolescente, assim, eu precisava de alguma forma me encontrar e me impor perante meus companheiros sem medo de suas reações. O apoio do treinador, as conversas após cada treino, a cada jogo, foram primordiais para que no fim eu encontrasse meu caminho, logo após essa fase acabei me tornado treinador e pude vivenciar o outro lado do esporte. O que me motivou a realizar essa pesquisa, e verificar o grande papel desses treinadores na preparação de seus alunos para a vida.

## **1.3 O treinador e sua importância**

O treinador de jovens é reconhecido socialmente como aquele que possui a responsabilidade de desenvolver em crianças e jovens, através da prática, as formas saudáveis de levar a vida, além de desenvolver seus aspectos psicossociais ligados a sua inserção na sociedade, e ainda de desenvolver suas habilidades motoras por meio de seus vários instrumentos de intervenção, proporcionando assim, tanto uma vida saudável como suas

qualidades no âmbito esportivo. (RESENDE, MESQUITA e FERNANDEZ, 2014, apud CÔTÉ, J.; GILBERT, W, 2009)

O treinador está presente no mundo esportivo, se estabelecendo como um protagonista, percursor e promotor do desporto, leva seus atletas para determinados rumos se destacando socialmente entre eles, nessa relação de treinador e aluno. A sua intervenção é baseada em vários fatores e diversos rumos que o esporte em geral pode proporcionar, além das capacidades técnicas, psicológicas e aquelas que levam o jovem a seguir seus próprios caminhos após essa fase. Com a expansão dos conhecimentos sobre o esporte e a grande esportivização das modalidades desportivas é necessária a busca de cada vez mais conhecimentos sobre as especificidades do mundo esportivo. (BARROSO, DARIDO, 2010)

Neste sentido, o reconhecimento das concepções dos treinadores sobre os conhecimentos e competências ligadas à profissionalização, são valorizadas para exercer a função, constituindo um instrumento fundamental que apoia a avaliação dos modelos de formação atuais, promovendo pistas para implementar novas estratégias de formação. Dentro das várias razões que são esclarecidas na literatura para diferenciar as concepções e o comportamento do treinador, está o gênero e o nível de experiência do treinador. (RESENDE; MESQUITA e FERNANDEZ, 2014 apud ABRAHAM & COLLINS, 1998). A experiência constrói um pré-requisito para desenvolver a esperteza, assim os treinadores precisam acumular lições resultantes da própria experiência para melhorar as suas competências (RESENDE; MESQUITA e FERNANDEZ, 2014 apud DE MARCO, 1997).

#### **1.4 O voleibol e sua influência**

O voleibol é caracterizado socialmente e culturalmente sendo um esporte generificado, sendo fortemente relacionado à sua prática com as mulheres, o que desmerece as particularidades do esporte em questão e a sua pluralidade de qualidades.

O esporte em questão por sua vez, criado em 1895 por Willian G. Morgan em Holyoke, Massachusetts nos EUA, é uma modalidade ainda escassa no âmbito escolar. Darido e Barroso (2010) citam que o voleibol é uma modalidade coletiva que tem nos seus mais nobres sentidos, o jogo, fator que socialmente e culturalmente enche os olhos das pessoas, se mostrando muito importante e estimulante a sua prática no âmbito escolar. No entanto, no âmbito escolar é preocupante a aplicação desse conteúdo visto que muitas das vezes o que é

cobrado se resume apenas ao ensino e aprendizagem de gestos técnicos, o que priva a aprendizagem de conteúdos muitos importantes que podem também ser trabalhados de uma forma positiva, como o entendimento melhor dos seus princípios, a origem e sua evolução na história.

Portanto, a modalidade voleibol como conteúdo das aulas de Educação Física na escola, e fora dela, além de um jogo competitivo, pode ser aplicada através de uma intervenção pedagógica que utilize seus fundamentos e jogabilidade de uma forma adaptada, dando ênfase a integração dos gêneros e não somente a técnica.

Na educação física escolar, percebe-se que muitas práticas constituem-se como generificadas, como é o caso do voleibol. Considerado como esporte praticado apenas por mulheres, o que se observa em diversos contextos é a privação da prática desta modalidade aos alunos do gênero masculino, e que muitas vezes se torna refúgio daqueles que buscam o seu espaço e sua afirmação, caso dos homossexuais ou daqueles mais tímidos. (OLIVEIRA, D.C.S, ELEOTÈRIO. D e MARTINS, M.Z, 2015 apud FERNANDES, 2010)

Baseando-se nisso, Dayrell (2013), relata que é muito complexo se definir uma identidade nessa juventude, visto que essa se passa por um período histórico muito grande, transcendendo sobre o que é ser jovem no seu universo, onde acabam construindo o seu modelo de vida na passagem da juventude para se tornar um adulto, fase na qual praticamente todos já se auto afirmaram e encontraram a forma de manifestar que lhes seja adequada para seu convívio em sociedade.

### **1.5 Masculinidades em questão**

Segundo Jesus (2014), estudos sobre as masculinidades vêm criando força na comunidade acadêmica, visto que na atualidade, o “ser homem” não está mais associado apenas a “ser macho”.

Segundo Machado e Seffner (2013), o modo de caracterizar o “ser homem” parece gozar da qualidade de não ser da história. Para vários, desde muito tempo o “ser homem” esteve relacionado a valentia, força, vida pública, competição, esportes violentos, guerra, coragem, honra, ser protetor da família, das ações importantes e decisivas da vida em geral, as suas formas de se manifestar e de se cuidar parecem permear pela história de forma que se mantém por esse tempo sem quase nenhuma mudança, o que se mostra contrário aos modos

das mulheres, que ao passar do tempo se modificam intensamente sem um modo sempre preestabelecido. Isso nos leva a crer que a forma que caracteriza o homem nesse pequeno sentido, apenas levando características biológicas e sociais o que vem atravessando a história, caminha para que tal caracterização fique no essencialismo.

Contudo, optamos por falar sempre em “masculinidades” no plural, visto que o termo masculinidade dá sentido de que é algo preestabelecido e heteronormativo, dando uma classificação única ao termo e contrapondo esse ponto, mostrando que as formas que o homem se manifesta no seu cotidiano sofrem alterações de pessoa pra pessoa, e masculinidade na verdade não existe e apenas se sobrepõe sobre a história.

Kimmel (1998, apud Foucault, 1997 e Connell 1997), classifica quatro conjuntos existentes de masculinidades, sendo que o primeiro se relaciona a características vistas como fundamentais para a sociedade, o homem forte, líder e ativo visto como exemplo trans histórico. Num segundo grupo, busca definir a masculinidade sendo como os homens “como eles são”, destacando os traços mais notáveis que são manifestados por eles na sociedade, se tornando patologias os casos de comportamentos menos frequentes. O terceiro grupo busca classificar a masculinidade através dos papéis sociais, definindo a mesma sobre exigências sociais, nesse caso o “ser provedor”, “ser líder”, “ser forte” aparecem como imposições sociais sobre os homens, o que por sua vez, acabam sendo vítimas de uma determinada manifestação frente a sociedade, o que intrinsecamente os faz mal e se opõe a uma suposta natureza essencial masculina, o que seria “boa” e “sensível”, a partir daí derivam-se várias formas de fazer com que o homem se encontre com essa natureza. Num quarto e último grupo, se relacionam teorizações que se compreendem a masculinidade como parte de um sistema simbólico e histórico que opera estabelecendo, continuamente, distinções entre as posições de masculino e feminino. Nesse caso entram em jogo, os indicativos de classe social e econômica – religião, raça, região, local de moradia, nível educacional, orientação sexual – num jogo de fatores onde os modos mais estimados socialmente de ser homem se constroem de um jeito paralelo e conectado com aqueles modos sem valor.

Distintas masculinidades são construídas em um mesmo espaço social ao longo do tempo e da história, assim o modo de viver masculino que detém das maiores vantagens, num sistema de gênero, será considerado a forma de masculinidade hegemônica.

Kimmel (1998, p 103-108) destaca:

"Para ser breve, [...] pressuponho que entendemos que as masculinidades são socialmente construídas, [...] que [...] (1) variam de cultura a cultura, (2) variam em qualquer cultura no transcorrer de um certo período de tempo, (3) variam em qualquer cultura através de um conjunto de outras variáveis, outros lugares potenciais de identidade e (4) variam no decorrer da vida de qualquer homem individual".

"As masculinidades são construídas paralelamente nos campos inter-relacionados de relações de poder entre homens/mulheres e homens/homens, dois dos elementos constitutivos na construção social de masculinidades são a homofobia e o sexismo." (Kimmel, 1998, p 103-118)

Estes temas são muito importantes para essa construção de identidades e de reafirmação de poder desses grupos tidos como menos privilegiados pela sociedade: as mulheres e os homossexuais.

De maneira geral o termo *sexismo* é muito usado como definição de rebaixamento de algum grupo de gênero, ou orientação sexual, de forma equivocada. Ao classificar cada caso com uma definição, se para os homens temos a misandria, então para as mulheres temos a misoginia, e para os homossexuais e transexuais, respectivamente, a homofobia e a transfobia. Todas essas definições se tratam de situações que o ódio e o desprezo de uns pelos outros prevalece e todas elas se encaixam em sexismo.

"Mães são mais importantes para a criação dos filhos que os pais", "Homens são fortes e não choram", "Homem não apanha de mulher", "Mulheres são sexo frágil, são frágeis e inocentes", "Homossexuais são promíscuos", são alguns exemplos presenciados de situações sexistas, a fim de apresentar melhor uma visão a respeito do que está sendo abordado.

É possível observar situações que são perpassadas ao longo do tempo, algumas delas sendo mantidas, e outras não aceitas pela sociedade, vindo dessas os principais problemas relacionados ao sexismo.

Floeter (2010 apud Arán, 2003) cita que alterações no decorrer do tempo, ou seja, culturalmente, influenciam na formação de identidades de jovens, mudanças relacionadas alterações dos padrões de vida em sociedade, na família, a entrada da mulher no mercado e as políticas que dão visibilidade ao gays e lésbicas.

Floeter (2010) cita que mudanças estão relacionadas com transformações percebidas nas relações de poder entre mulheres e homens, entre homens e mulheres cujas identidades são hegemônicas frente àqueles e àqueles que um dia já foram vistos como desviantes e anormais, gays, lésbicas, transexuais e transgêneros.

Nessa dinâmica de relações entre a masculinidade imposta pela sociedade, e aquelas ligadas á ela, que definimos as masculinidades subalternas, dando como exemplo a forma de

se manifestar dos homossexuais que é classificada como modelo de comportamento entre eles (FLLOETER, 2010 apud, ALMEIDA, 2000). Essa é uma das várias formas do homem se assumir diante da sociedade como reprodutor de cultura e de formas de masculinidades durante os seus tempos perpassados em convívio social.

Contudo, o estudo busca encontrar esses vários tipos de manifestações através da análise do trabalho de treinadores de voleibol, um esporte comumente estereotipado pela sociedade e várias vezes associado a sua prática à mulheres e homossexuais, levando em consideração que o mesmo é um reprodutor de identidades e masculinidades de jovens e sua importância para a formação de seus alunos.

## **2. JUSTIFICATIVA**

Voser e Giusti (2003), destacam que o papel de treinador, uma das funções que um profissional de Educação Física pode desempenhar, é fundamental, pois o mesmo pode usar da proximidade dos atletas para exercer um papel diferenciado, sendo mais que um técnico, mas também um educador, conselheiro, estrategista e líder de uma relação interpessoal e profissional.

O presente estudo se justifica pela importância do treinador na vida do aluno, para a construção de vários valores, além de identidades, suas respectivas masculinidades em questão, e da busca de autoafirmação diante dos vários grupos, ao qual as pessoas estão habituadas à se relacionar.

Ser treinador é uma função que constitui em si um permanente desafio e que exige um empenho pessoalmente gratificante.

### **3. OBJETIVOS**

#### **3.1 Objetivo Geral**

Avaliar a percepção dos treinadores da importância do voleibol na construção das identidades e masculinidades de seus alunos.

#### **3.2 Objetivos Específicos**

- Analisar a influência do treinador nesse processo de criação de identidades relacionadas às masculinidades;
- Analisar as influências das masculinidades de forma regional;
- Identificar os tipos de masculinidades que permeiam o voleibol.

#### 4. PERCURSOR METODOLÓGICO

A construção do corpus dessa pesquisa se deu a partir de uma entrevista semiestruturada que, para Manzini (1990/1991, p. 154), está relacionada a um assunto ao qual foi preestabelecido fazendo um roteiro de questões principais que poderão ser complementadas no decorrer da entrevista, dando mais enfoque para assuntos principais e que não estejam apenas simplificados em alternativas, podendo assim ter uma melhor análise de dados. Para obtenção dos dados da coleta, foi realizada uma pesquisa de caráter qualitativo, a fim de buscar compreender as relações das masculinidades e o voleibol. Para analisar as respostas das entrevistas, foi realizado um levantamento bibliográfico sobre a temática, a fim de encontrar indícios que a fim de compreender os resultados obtidos.

A amostra foi composta por 6 treinadores sendo todos os sujeitos do sexo masculino. A coleta da amostra foi feita na cidade de Machado-MG, onde aconteciam os JIF (Jogos dos Institutos Federais do Sudeste do Brasil) na modalidade voleibol, participando os estados de São Paulo, Espírito Santo, Rio de Janeiro e Minas Gerais que foi representada pelo Campus Campeão do JIFSULDEMINAS (Jogos dos Institutos Federais do Sul de Minas Gerais), o Campus Muzambinho e os Campus convidados, sendo eles, o IFMG – Instituto Federal de Minas Gerais, Campus do Sudeste de Minas Gerais, Campus do Norte de Minas Gerais e o Campus do Triângulo Mineiro.

A escolha se justifica pelo fato de que, os treinadores passam grande parte do tempo planejando formas de interação e de treinamento para os alunos e a prática esportiva é um instrumento de socialização tanto alunos/alunos quanto alunos/treinadores na construção de valores e identidades.

A entrevista aplicada apresentava perguntas relacionadas as experiências dos treinadores, levantando questões como o preconceito, perfil ideal de atleta e sobre a construção de identidades. Tal questionário foi criado a partir da análise dos diversos relatos sobre o voleibol e a influência do treinador sobre manifestações dos atletas em seus vários âmbitos de convivência, dentro do seu treinamento e das influências dos jogos, viagens e campeonatos em suas vidas. A partir dessa reflexão, foram construídas questões que embasaram a pesquisa. Para realizar a entrevista, foram feitas consultas aos treinadores de todas as equipes se haveria a possibilidade da aplicação da mesma, explicando os objetivos e o motivo da pesquisa, e por fim entrevistando-os.

Para as questões, foram listadas as seguintes perguntas:

- Qual o seu tempo de prática com o esporte?
- Qual a sua experiência no esporte?
- Qual a sua experiência no voleibol?
- Já presenciou algum caso de preconceito entre os atletas? Se sim, qual o tipo?
- Já teve de lidar com algum tipo de preconceito entre os atletas? Qual sua tomada de decisão?
- O voleibol é um esporte tido como feminino. Como você lida com isso? Acha certo? Como trabalhar essa questão com os atletas em sua opinião?
- Em sua opinião, o voleibol ajuda a construir a identidade de jovens? Se sim, o que você nota em relação a essa questão? Nota alguma mudança de comportamento deles com o início dos treinos?
- Em relação ao atleta, você acredita que existe um perfil ideal para se manifestar dentro e fora de quadra? Qual?
- Você acredita que as vivências que os atletas têm fora de quadra no seu cotidiano podem influenciar no seu perfil dentro de quadra seja nos treinos ou nos jogos? O que você pensa sobre essa questão?
- Quais são suas estratégias para convidar os alunos e fazer com que eles permaneçam nos treinos? Do convite e a motivação aos treinos motivantes.

## 5. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os resultados serão discutidos a partir da análise da fala dos treinadores coletadas por meio das entrevistas semiestruturadas. Para tal, foram reunidos os resultados em quadros separados por regiões. Em cada região, há a fala completa de cada treinador sobre o tema abordado.

No tópico 5.1 serão abordados os relatos sobre as experiências dos treinadores com o voleibol e suas vivências práticas com a modalidade.

### 5.1 Experiências no Voleibol

SP – **Gostava muito, a minha mãe me colocou em uma escolinha de vôlei**, na educação física, eu participava de campeonatos de basquete, futsal, vôlei obviamente, 10 pra 11 anos eu entrei pra um clube, o Banespa, era como se fosse hoje o SESI, para aquela idade eu não era tão baixo e depois eu não cresci mais, eu era bem acima do nível dos meninos da mesma idade e fiquei lá até quase 14 anos, cresci e tive que estudar e não fiquei mais em clube, fiquei mais como amador, batia bola, jogava na escola, campeonato escolar, uma experiência mais voltada para o voleibol, 90% voleibol.

RJ – **Quando entrei na faculdade, já tinha experiência do voleibol antes, fui monitor de voleibol, técnico da equipe da universidade**, então, só no CEFET tenho 22 anos, mais 4 da faculdade, são 26, mais uns 4 como atleta jogando, uns 30 anos mexendo com o voleibol, só no voleibol, natação eu fazia por hobby, não... A prática do voleibol, em média 30 anos. Eu fui monitor de voleibol UFRJ, fui técnico da equipe de vôlei na UFRJ, sou técnico da equipe do IF Campos há 22 anos, nesse intervalo eu dirigi a equipe juvenil de Campos que participou do campeonato estadual do Rio de Janeiro.

ES – **Dos 13 aos 20 como praticante, voleibol escolar e clubístico** e dos 20 aos 50 treinando equipes nas categorias tanto feminina quanto masculina.

MG – Experiências esportistas, **onde praticava vários esportes além do voleibol, porém sempre com um favoritismo pelo voleibol.**

*Quadro 1 – Experiências no voleibol*

Com a análise dos dados dos treinadores – falas dos mesmos – pode-se observar que todos passaram por uma construção de ideias, valores e identidades no seu período de desenvolvimento de aluno para professor, o que os ajudou nesse crescimento, assim essa experiência os auxiliou em suas atitudes como treinador. Percebe-se também que todos os treinadores tiveram uma preferência pela modalidade voleibol, compreendidas de maneira que

geralmente aquela prática que os treinadores tiveram vivências com mais frequência na sua vida vão influenciar no que eles aplicarão ou trabalharão depois de formados, assim como todos já tiveram essa preferência após a sua escolha de trabalho como técnico de voleibol. Tal perspectiva é corroborada pelo estudo de Oliveira e Eleotério (2014, apud Figueiredo, 2010), que mostrou como as experiências de vida dos alunos que ingressam nos cursos de educação física influenciavam em sua escolha em aderir práticas voltadas para suas vivências, sendo assim, alunos que praticavam o voleibol acabam por oferecer essa prática com mais frequência em suas aulas ou a tomando como instrumento de trabalho como é o caso do treinador.

Segundo Pereira e Hunger (2003), um dos fatores mais importantes para a formação profissional de um técnico de voleibol seria a vivência prática na modalidade, como atleta, uma pessoa que não vivenciou uma prática esportiva não consegue passar para seu atleta aquela vivência de garra, de vencer, de ter que treinar. A prática também é considerada importante pois observar o modo como seus treinadores trabalhavam influencia muito após o início da carreira. Considera-se que o atleta tem o “*feedback*” do que se passa dentro de quadra. Uma pessoa pode ser um excelente profissional, mas se ela não foi atleta, seu trabalho fica limitado.

No tópico 5.2 serão abordados os relatos dos treinadores relacionados ao preconceito sofrido pelo atleta no voleibol.

## 5.2 Preconceito no voleibol

SP: "Sim, tem o tempo todo, como professor, como escola, o papel da gente é bem mais complicado e talvez até mais importante para quando se trata de escola e não de clube, porque a escola não exige tanto do rendimento, ela insiste mais de uma formação, na escola o esporte é um instrumento de educação, então o respeito pelo próximo, **independentemente de qualquer coisa, de classe social, raça, religião, orientação sexual, todas essas coisas você vai encontrar ali, inevitavelmente e por uma questão de opressão, personalidade você vai ver que vão ter os oprimidos e os opressores e aí entra o papel do educador físico.** "

RJ: "**Preconceito existe em qualquer lugar, com o atleta não vai ser diferente.** Eu vou contar uma experiência, nós fomos certa vez, disputar uma competição paralela ao JIF, por que não ficamos presos só a competições oficiais, e chegamos ao local, no voleibol, tinha um time lá, que seus componentes, todos, quase 100% eram homossexuais, até aí nada de diferente que é um ser como um outro qualquer, o

problema é o comportamento. **É o que eu falo das pessoas em relação ao gênero, ao sexo é o comportamento, ficavam lá dançando, rebolando, mostrando polpa pra lá, polpa pra cá, ai eu digo o seguinte, independente se é homossexual ou heterossexual, ficar naquela situação chama a atenção pra si, então mesmo se fosse um hétero que fizesse aquilo, mesmo se fosse não é a palavra, se fosse um hétero e fizesse aquilo iria chamar a atenção do mesmo jeito, então aquilo pra mim não é legal, seja do homo, ou seja, do hétero, essa forma de chamar atenção entendeu?"**

ES: "Numa mesma equipe não, em equipes adversárias sim, se eu estiver adiantando a resposta de alguma outra pergunta, a gente repete depois, só pra eu não perder o raciocínio, o raciocínio passa por aqui e depois nem consigo me lembrar direito, **e em relação a torcida com jogadores, com os atletas em ação, em atletas jogando, muitas vezes. E todo tipo de preconceito.**

MG: "Sim, muitos, mas **atualmente nem tanto eu diria que é uma coisa que caminha pra superar isso** a partir do momento que ganhou a mídia, e os atletas começaram a ganhar dinheiro, isso diminuiu não em função de diminuir o preconceito como praticante, mas como ele aumentou o poder aquisitivo e a classe, tornou-se objeto de desejo para as pessoas, e sendo objeto de desejo, essa questão de preconceito em relação ao vôlei, tanto por ser esporte em oposição a trabalho porque a função do homem na sociedade é produzir em termos de trabalho, então o esporte tinha o preconceito no sentido de não ser trabalho e também tinham preconceitos porque o Brasil era machista onde o futebol era de homem e o vôlei era pra mulher, então eu vi muito disso, mais eu vejo cada vez menos".

*Quadro 2 - Preconceito no voleibol*

Com a análise da fala dos treinadores podemos observar que todos relataram alguns casos de preconceitos provindos do voleibol, citando algumas manifestações dos atletas como causa desse preconceito, e também afirmando que o esporte caminha para superar esse preconceito. A fala dos mesmos mostra também que o treinador tem que passar por esse processo junto dos alunos, que por sua vez são meras peças que vão perpassar pelos treinadores, e cabe a eles essa mediação relacionada ao preconceito.

Ainda que Clementino e Júnior (2000, apud Elias, 1992) mostrem que a prática do voleibol com grupos de alunos heterogêneos, onde existam diversidades, contribua para o convívio harmonioso e diminuição de preconceitos para com os homossexuais, em razão da prática do esporte voleibol favorecer elementos de socialização, trocas de conhecimento, possibilidades de convivência e ser capaz de aproximar os indivíduos reduzindo o comportamento antissocial. Isso para aqueles que tenham a prática em comum. Através desse pressuposto podem ser buscadas maneiras de melhorar esse aspecto e essa característica que o voleibol passa.

Contudo Lacerda et al. (2002), citam que o preconceito homossexual está sendo estudado como uma característica psicológica de alguns indivíduos que apresentam frustração reprimida e deslocada em relação a grupos menos favorecidos. O indivíduo se fecha para novas experiências e age de forma autoritária se encasulando internamente assumindo uma personalidade autoritária e pouca predisposição para abertura mental. O preconceito pode ser considerado como um erro no processamento das informações, assim ficando claro que a natureza do preconceito homossexual parte de diferentes teorias e todas elas estão voltadas para a área psicológica e individual.

Sendo assim, a forma que se lida com tal assunto é o mais importante, a intervenção do treinador nesse momento é que vai influenciar no bem-estar do atleta naquele âmbito onde ele escolheu estar, e com base nas falas dos treinadores, fica claro que essa ação é positiva e bem-feita por esses treinadores, ainda citando o ambiente de trabalho o fator que mais tem influência no bom convívio do atleta com o voleibol e com ele mesmo.

No tópico 5.3 será abordada a opinião dos treinadores quando citado que o voleibol é considerado uma prática feminina.

### 5.3 Voleibol como esporte feminino

SP: " Bom, o preconceito né, o voleibol é pra mulher e o futebol é pra homem, é um preconceito que a gente tem de forma geral, e aí isso entra na questão do ambiente que tá. **Então geralmente o que acontece, estereotipar não ajuda nem pra um lado nem pro outro, é interessante que não haja esse estereotipo porque senão você acaba perdendo muita coisa, você perde atleta, você perde referência, porque sai do real objetivo que é jogar voleibol.** E ao meu ver eu acho que isso atrapalha bastante no ambiente".

RJ: "**Olha, eu não acho que o voleibol é feminino não, existe o preconceito,** e aí, é até bom que faça uma pesquisa de campo, no sentido do seguinte, nós participamos de várias competições, não foi uma, nem duas, nem três, e por incrível que pareça, todas elas que nós participamos, a presença de homossexuais é muito relevante, ela é muito presente, ela é muito... , sabe, tá na cara isso, nós fomos lá a São Matheus dos Linhares, tinham 10 equipes, eu acho que 8 todas tinham um... Eram compostas por homossexuais, eu não sei o porquê disso, honestamente eu não sei, se isso é uma coisa histórica que já vêm talvez pra onde, como que o machismo, o homem tem que jogar futebol, a mulher brincar de boneca, mais aí começou o esporte com a mão, eu não sei historicamente onde iniciou, eu só sei te dizer hoje, nas competições que participo, pode ser que esteja enganado, todas essas competições paralelas eu vejo, a presença do homossexual massivo, assim como no futebol, a presença da mulher, "sapatão",

também uma presença muito forte, talvez é o histórico de dizer que o homem joga futebol e a mulher não”.

ES: **“Isso é uma cultura popular dos anos 70, porque iniciou a década de 80 em diante, eu já não concordo com essa afirmativa.** E na década de 70 eu brincava de voleibol, minhas primeiras manchetes e toques e eu também, não era muito forte isso, pelo menos lá na minha região né, sentia uma chacotazinha aqui outra lá, mais era uma brincadeira, nada muito sério, as próprias pessoas que falavam isso, até depois na rodinha brincavam, light, bem superficial, gozação mesmo.”

MG: “Eu não tenho esse conceito, de que ele é feminino, eu diria que o futebol é predominante no Brasil, é um esporte masculino, mas eu viajei pro Equador recentemente, lá eles jogam um vôlei que não tem nada a ver com o nosso vôlei, com uma bola de futebol a rede é muito mais alta, quase 3 metros de altura e é extremamente masculino, as mulheres não jogam, então o vôlei no Equador é um esporte masculino, então ele varia de cultura pra cultura. **Então essa ideia de que o voleibol é feminino é cultural, é muito mais de quem tá praticando do que da realidade e tanto é que hoje, os homens ganham mais jogando vôlei do que as mulheres, o vôlei masculino tem muito mais espectador do que o feminino tem muito mais patrocínio do que o feminino, então eu diria que esse rótulo de que o vôlei é feminino é até uma afirmação preconceituosa.**”

*Quadro 3 - Voleibol como esporte feminino*

Com relação ao voleibol ser considerado um esporte feminino nenhum dos treinadores processa essa afirmação como verídico, visto que a maioria dos mesmos julga como algo cultural construído pela história. Para eles, essa construção varia de cultura para cultura, de país para país, fala essa feita por um dos professores que dita que “Eu não tenho esse conceito, de que ele é feminino, eu diria que o futebol é predominante no Brasil, é um esporte masculino, mas eu viajei pro Equador recentemente, lá eles jogam um vôlei que não tem nada a ver com o nosso vôlei, com uma bola de futebol, a rede é muito mais alta, quase 3 metros de altura e são extremamente masculinos, as mulheres não jogam, então o vôlei no Equador é um esporte masculino”. Com isso pode-se observar que realmente há uma construção cultural e social, porém, para a grande maioria o preconceito ainda é encontrado, até mesmo nas aulas de educação física, entretanto, como relatado pelos treinadores, a forma que o treinador/professor trabalha o assunto, é essencial.

Lisboa (2007) cita que essa relação é muito oriunda da mídia da atualidade, que muitas das vezes, senão na maioria delas, acaba por influenciar nesses conhecimentos principalmente das crianças que passam grande parte do seu dia diante de conteúdos midiáticos, o que geralmente tem influência nas próximas fases da sua vida.

Acreditando na capacidade de mudar seus aspectos de vida e produzir qualidades, as crianças recebem essas informações provindas da mídia e a assimilação das mesmas é feita de forma que sofrem transformações em suas vidas, levando a crer que exista uma necessidade de uma relação entre esses conteúdos midiáticos, a cultura e a ludicidade (LISBOA, 2007 apud OROZCO, 1993).

Silva (2008) cita ainda que a mídia, de maneira geral, usa estereótipos para tratar os temas relacionados às minorias no Brasil. Negros, movimentos sociais, mulheres e homossexuais são freqüentemente vítimas de textos jornalísticos preconceituosos. Com a juventude isso não é diferente.

Aí vem a importância do treinador para intervir sobre determinadas conclusões que seus alunos acabam tomando por essas influências, assim devendo problematizar melhor esses assuntos acerca da melhor interação do aluno.

No tópico 5.4 será abordada a possibilidade de o voleibol ser um construtor de identidades na opinião dos treinadores.

#### 5.4 Voleibol como construtor de identidades

**SP: Ajuda, completamente, muda opiniões e vem da questão anterior, "o ambiente", o ambiente de aprendizagem, e tem uma questão ética do professor e a gente tem que sempre tomar cuidado porque nós temos sempre nossas opiniões em relação às coisas então nós vamos ser no máximo tendenciosos.** A gente não pode esquecer que agente forma opinião e não pode colocar a opinião da gente por atleta, então a gente tem um determinado limite pra falar as coisas, você tem treino, você tem ambiente, você concordar que o treino não pode ser único e excruciante o elemento bola, elemento professor e o elemento aluno existe uma interação que vai ligar isso, a sua conversa, o seu jeito de falar, a risada ne, e como você vai lidar com um erro do aluno mais ridículo que possa ser você vai ser aquele professor severo ne, e outra tem aluno que vai errar ai você dá aquele sorriso e solta uma piada! Tipo, porra, eu errei e ele viu que eu errei mais cara, eu posso continuar tentando errando e não vai ter problema, essa foi a mensagem subliminar que você passou tipo passado por isso essa questão que você falou da identidade você vai identificar, além disso, porque pelo olhar dele você vê ou não, ele vai começar a criar uma confiança em você e ele vai te passar muita coisa em relação a personalidade dele, a história dele, vai fazer papel de pai, e ai você vê até onde é correto entra sim porque não tem coisas que são obvias demais, mais professor meu pai minha mãe isso e aquilo então ai você vai ter uma identidade, é uma comparação um pouco forte demais mais parece como se fosse uma comunidade, uma Ceita, uma igreja, porque, é um lugar que ele gosta muito de ir ele gosta ele aceitar aquilo como uma realidade, então, aquilo ultrapassa a manchete, o tique e o ataque, você entendeu? Tem muito mais que isso e se tiver só isso, no dia em que ele achar um lugar melhor ele sai. **Então a identidade você tem que conseguir identificar, porque, você tem aluno que é tímido, então ai você, o segredo da vida e da felicidade de todo mundo é o equilíbrio então, você vai ponderar aquele que tá indo de mais, você segura àquele que tá se retraindo, você traz pra cá, e ai você começa a construir uma personalidade sim, a identidade sim e é muita coisa pra te falar só da resposta de uma forma muito simples,** porque vem muita coisa que você não tem nem ideia e você vai se surpreender a cada um deles, porque nós somos únicos como ser humano, cada história que vai chegar pra você, que você vai falar “puta merda”, as vezes, e não tenho a resposta, mas o aluno espera de você alguma coisa, entendeu, e ai você pode responder, porque entra assuntos que a gente não pode falar, por exemplo, eu

<p>tenho a minha posição política eu não posso falar para o aluno que ele tem que votar em x ou y , isso que eu tô falando, tem coisas que você não pode fazer entendeu, porque é questão de ética, é professor mais mesmo assim, ai ele comenta mais o que você acha? Eu acho isso e aquilo mais não falo o nome de ninguém entendeu, eu acredito que deva ser dessa maneira, não falo o nome de ninguém, mas tem o outro lado, é bom você falar o bom e o ruim de tudo, e ai deixa claro pra ele, mas você não tem que ter a minha opinião, você tem que formar a sua, você não pode repetir nada do que ninguém te diga, nem muito menos o que eu falo, tem que chegar e contestar inclusive porque tem coisas que eu não sei que você pode fazer. <b>Então a questão da identidade, voleibol ajuda a construir a identidade de jovens? Ajuda sim, porque o professor tem o papel além da técnica e da tática se não for isso, você tá trabalhando com uma equipe de rendimento, e ai fica uma coisa sem sal e sem açúcar, se tem essa opção, mais ai você vai passar reto, vai ser um professor que ninguém vai lembrar pro resto da sua vida, o cara vai aprender só a jogar com você, tudo bem, mais ai eu acho, que creio eu, que vocês têm muito mais, todo mundo tem pra passar para o outro.</b></p>
<p>RJ: Não é o voleibol, é o esporte, o esporte é apenas no meio, eu utilizo o esporte, não como fim, eu utilizo o esporte como meio, se eu estivesse no basquete iria ser a mesma coisa, no futsal a mesma coisa, então quando você tem um grupo na sua mão, e você tem uma filosofia de trabalho, o grupo respeita a filosofia de trabalho, não o esporte em si, o esporte, você atrai pessoas que gostam daquele esporte, e através das pessoas que atrai que você passa essa filosofia.</p>
<p>ES: Sim, é uma oportunidade pra eles se afirmarem, quanto a sua sexualidade, ali ele se afirmar naquilo que ele acredita que trará a felicidade dele, não digo nem que seja opção, por que no nosso Brasil, o Homossexual, ele sofre tanto que nem optaria tudo isso.</p>
<p>MG: Sim, o voleibol é capaz disso principalmente nessa questão de gênero, já tem isso, querendo ou não, a gente vê mais casos de homossexuais assim no vôlei, e eu vejo que pelo menos na minha que os meninos, olham eles tão dormindo tudo junto, acolhe ne, acolhe , tem um acolhimento ali de irmãos mesmo, a gente vive né, não sei, eu acho que eles, eu não me coloco tão responsável porque eu trabalho ne, converso muito, mas eu vejo que eles mesmos, eles se dão muito bem, protegem uns aos outros, o esporte ele ajuda nessa questão de desenvolvimento da cidadania, da tolerância ne, que hoje as pessoas são muito intolerantes, trabalhar essa questão de gênero, aceitar o próximo do jeito que ele é, eu acho assim, o vôlei ele permite isso, o futebol é meio machista ne, o handebol aqueles caras lá, já machucaram ne na hora do jogo, o vôlei não, ele permite uma interação entre eles, e o respeito mútuo entre eles. No seu time tinham meninos assim, na minha também tem, mas eu acho bacana sabe.</p>

*Quadro 4 - Voleibol como construtor de identidades*

Com a análise das falas dos treinadores, alguns entram em contradição, onde um diz que o voleibol não ajuda de forma alguma na construção de identidades de jovens, enquanto o técnico do Rio de Janeiro cita que não é o voleibol e sim o esporte em si. Para os técnicos de São Paulo e Minas Gerais, o voleibol é sim um construtor de identidades, já que o aluno acaba se sentindo bem ali, e acaba mostrando sua verdadeira identidade com o passar do tempo da prática, além de levá-los a se auto afirmarem quanto pessoa e atleta. O ideal segundo esses é deixar o atleta à vontade, a fim de dar liberdade para que ele se descubra e se sinta bem fazendo aquilo que gosta. A construção de identidades é algo muito complicado, já que passa por um perfil psicológico muito tenso na vida do atleta. Entende-se também que a construção de identidades vai muito além do gênero, passando também pela ética, moral e de condutas do atleta perante seus companheiros e sociedade.

Faz se muito importante tal discussão acerca do esporte sendo esse capaz de conectar pessoas de diversas classes sociais, raça, gênero dentre outras tantas diferenças existentes em

nossa sociedade. Quando está acontecendo uma partida de determinado esporte, podemos observar a grande diversidade que iremos encontrar nesse ambiente, isso possibilitado pelas varias influências que o esporte nos trás, essa relação leva os jovens a criarem vínculos, independente de qual seja seus caracteres sociais e biológicos. Além da grande importância da pratica da atividade física para o bem estar e a saúde. (BICKEL; MARQUES; SANTOS, 2012). “É possível perceber-se o desenvolvimento das relações socioafetivas, a comunicabilidade, a sociabilidade, ajustando socialmente o homem ao meio que vive” (BURITI, 2001, p.49).

A interação entre os alunos está intimamente conectada ao jogo, não importa de qual espécie ou classificação seja individual ou coletivo, sempre haverá uma interação de um com outro, seja como companheiro ou adversário. Podemos também transpor a multiplicidades de emoções e sensações que o esporte trás para esses atletas, sendo essas relações as que permitem ao atleta a construção de identidade, que nos esporte no caso o voleibol permite que aconteça. Tal passagem se justificando pela fala de um dos treinadores quando questionado sobre a contribuição do voleibol para a construção de identidades o mesmo cita “ *Ajuda, completamente, muda opiniões e vem da questão anterior, "o ambiente", o ambiente de aprendizagem, e tem uma questão ética do professor e a gente tem que sempre tomar cuidado porque nós temos sempre nossas opiniões em relação às coisas então nós vamos ser no máximo tendenciosos* ”

No tópico 5.5 será abordado o perfil ideal de atleta segundo os treinadores de cada região.

### 5.5 Perfil ideal de atleta

**SP: Existe! É obvio que existe, tá, mais ai você tá falando quando se trata de alto rendimento, de atletas que sejam altos e velozes,** basicamente, e tem uma questão genética em relação a força, explosão que o voleibol precisa isso é fato, mais o percentual dessas pessoas que chegam lá em cima é bem baixo e numa escola você pode ir por ventura indicar, ele vai lá faz uma peneira tudo mais e ai acaba ai nosso papel, se o cara realmente tiver que chegar lá acaba ai infelizmente, não é com você que ele vai trabalhar mais, ele vai colocar os caras que estão especializados nisso. **Agora se você tá numa escola você tem um grupo de treinamento que tá rico e seletivo você vai se dar ao luxo de poder pegar realmente os melhores, perfeito, sorte sua, vai ter menos dor de cabeça com determinadas coisas, não que você não vai ter que aplicar todas as outras coisas mais as vezes você pode tá com um grupo reduzido, um grupo que não é rico.** O voleibol não é popular, por exemplo, São Paulo é exatamente assim principalmente no feminino, falta gente pra jogar, ai você não vai poder escolher, vai te fazer mais falta o cara que é comprometido, o baixinho, gordinho e lento do que aquele que é grandão e nunca vem treinar, e ai eu vou te dar uma dica porque as vezes de última hora vamos viajar? Vamos! Ai o grandão aparece, e ai ele vai e ele joga no lugar do gordinho, quando voltar pra sua cidade você vai pedir os dois, porque um só veio pra jogar, e o outro que é dedicado vá ficar extremamente decepcionado

com você, que não vai mais. Então tem perfil? Tem perfil pra alto rendimento, mais ai você tem que analisar a situação, qual que é o teu objetivo? Você vai formar uma equipe, você tem uma disponibilidade grande, você pode escolher então ai o uso do perfil que fica meio limitado.

ES: Não, não... **Em hipótese alguma, eu gostaria de registrar aí, que o maior atleta que eu tive com treinador de atleta adulto masculino em 37 anos ininterruptos foi um homossexual, um craque, daqui de minas, lá de Betim, o Anderson, um monstro, meu capitão, homossexual declarado, oposto matador, chegava ao ponto de dizer assim ó: Da impressão aqui, sabe né, de a meu preconceito com os gays, que ele que é realmente o macho do time, “e que vocês são umas frangas medrosas”, eu sei que usei de preconceito, mas ele se enchia de orgulho, por que ele sabia o quinto eu confiava.**

ELE SE MANIFESTAVA? Muito pouco, muito pouca. Isso não influenciava, influenciava muito pouco, mais, ele era altamente querido, pelo tanto que ele respeitava os outros e se fazia por respeitar, e que essa conduta dele, homossexual era da vida particular dele, que ali no treino e no jogo era um excepcional profissional, tanto que foi meu capitão na melhor equipe que eu tinha nesses 30 anos, durante 5 anos, sinto muita falta dele, e como ele não pode voltar né, que optou por trabalhar, engordou, envelheceu, sinto muita falta de ter pelo menos um outro atleta, assim, no fim de carreira parecida com a postura dele, então quer dizer, a questão da homossexualidade não influencia em nada.

RJ: Volto a dizer, **não é o voleibol, em qualquer esporte, dentro das quatro linhas, você tem que ter um comportamento, fora das quatro linhas, você não é obrigado de ter aquele comportamento, lá dentro você está sendo profissional, ou sendo pago ou tendo o objetivo de vencer o adversário, ficar fora é outra história, então não é o voleibol em si, o comportamento dentro de uma quadra, a seriedade, a forma que você conduz aquilo ali, logicamente que isso não tem uma personalidade e ela vai ter que atuar tanto dentro, quanto fora, os seus valores, tem de estar dentro quanto fora de quadra. Mas o seu comportamento dentro de quadra... Um exemplo, o Espirito Santo, posso falar isso, é meu adversário dentro de quadra, mais fora de quadra ele não é meu adversário, são meus parceiros, então existe comportamento dentro de quadra e existe comportamento fora de quadra. Um atleta ideal pra mim é o ser humano ideal, aquele que respeita o próximo.**

MG: Pra mim, eu deixo os meninos a vontade, pode ver que o João Paulo que é meu moreninho lá, o pretinho, ele é homossexual, tem outro também lá o Matheus, e ele ataca, ele sai lá todo ne, porra, e eu adoro, eu acho, ele tem que ser assim, ele é assim também aqui fora, então eu não reprimo, tem gente que fala comigo, se fosse no meu time não ficava com essa viadagem não, não cara aqui não tem nada disso não. **Mas eu vejo que tem time que tem treinador que quer o atleta mude o perfil dele dentro da quadra. EU acho que não tenho que mudar, eu não concordo. Eu acho que o respeito tem que ser, se o cara é homossexual ou não tem que respeitar mutuamente e a equipe que o cara pode ser a falar que é macho e tudo mais desrespeita o outro, ne, poxa, quer ganhar acima de tudo né, desonestamente, EU acho que se existe alguma comparação de pior isso vai muito além.**

#### *Quadro 5 - Perfil ideal do atleta*

Com relação ao perfil dos atletas, os treinadores destacam mais características psicológicas ligadas à personalidade do atleta, onde a responsabilidade é uma qualidade que aparece em destaque, o que leva a crer que esses atletas necessitam desse perfil de jogador para que os treinos, o jogo e os demais fatores relacionados ao voleibol caminhem para o sucesso e a interação seja positiva.

Também foi citada a qualidade física altura, que como visto pelos estudos de Bojikan (2003), é de extrema importância para que os atletas se sobressaiam nos fundamentos do jogo, como o ataque e o bloqueio, além também da comparação com o modo de ser de jogadores que já são profissionais e que já tem uma visão no cenário esportivo brasileiro, para que possam se espelhar para que um dia cheguem ao seu objetivo.

Um dos técnicos, ao negar que existe um perfil ideal de atleta pondera que *“o maior atleta que eu tive com treinador de adulto masculino em 37 anos ininterruptos foi um homossexual, um craque, daqui de Minas, lá de Betim, o Anderson, um monstro, meu capitão, homossexual declarado, oposto matador, chegava ao ponto de dizer assim ó: Dá impressão aqui, sabe né, sem preconceito com os gays, que ele que é realmente o macho do time, e que vocês são umas frangas medrosas, eu sei que usei de preconceito, mas ele se enchia de orgulho, por que ele sabia o quanto eu confiava.”*, ainda julga que a forma que lidava com o atleta era um tipo de preconceito saudável, que nessa hipótese poderia ou não ajudá-lo a chegar onde queria, porém com certo cuidado, pois poderia ao mesmo tempo, estar semeando o preconceito ente os demais atletas, que mesmo sendo uma forma de liberdade entre treinador/atleta, os outros poderiam não entender da mesma forma. Assim podemos ter uma percepção como os técnicos lidam com essa questão da masculinidade e da identidade no voleibol de forma ambígua, dando múltiplos significados aos perfis de atletas. Fazendo uma controvérsia, ao dizer que não tem preconceito, mas ao mesmo tempo lida com a situação de uma forma que o reproduz, na dinâmica de tentar lidar com o mesmo, ponto esse que se mostra preocupante.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dada a análise dos dados e dos pontos mais importantes do trabalho, pode ser concluído que o papel do treinador é muito importante durante a passagem do atleta por esse ciclo, nessa fase o treinador os direciona a cumprir o seu papel de atleta dentro de quadra e de cidadão fora dela.

Conclui-se também que o voleibol é um construtor de identidades e provedor de diversas masculinidades, essas manifestadas por cada um de uma forma diferente, mostrando a grande diversidade que o mundo masculino ainda tem para conhecer e vivenciar, sem se oprimir por medo da reação do próximo. Primeiramente, o mais importante é se auto encontrar e após esse processo encontrar as qualidades do próximo.

A quebra de paradigmas como o voleibol ser um esporte feminino também é algo a se preocupar, porém como abordado no trabalho, os treinadores têm essa visão de que o voleibol é para um todo sem distinção de gênero, as diferenças encontradas ali, se distinguirão de atleta para atleta, onde cada um encontra sua própria masculinidade, forma de pensar, se vestir e agir perante a sociedade que permeiam.

O conhecimento do treinador em relação a modalidade voleibol também é primordial para que haja sucesso, visto que aqueles que vivenciaram a prática terão mais facilidade além de mais estratégias para lidar com determinadas situações que apenas quem foi atleta poderá lidar.

O perfil ideal de atleta, para os treinadores seria relacionado a características psicológicas como ser responsável, tendo assim compromisso para com os treinos e jogos disputados em sua fase de atleta, além também da qualidade física altura, que como pode ser visto atualmente na mídia, nos jogos de voleibol, os atletas são muito altos, e sempre com o mesmo padrão, realidade diferente do esporte em questão, onde as diferenças entre os atletas são muito grandes, relacionadas a várias capacidades e qualidades, o que assim sendo o objetivo do esporte escolar é a inclusão da maioria de alunos possíveis.

Quando se falado em esporte escolar o objetivo da maioria da maioria dos treinadores do estudo se classificam como formadores de pessoas para a vida, uma vez que esses buscam o esporte de da escola, o esporte de inclusão que permita a pratica do máximo de alunos possíveis. Realidade essa que não se vê ao analisar a fala dos treinadores do RJ e ES que buscam um esporte de rendimento inserido no âmbito escolar, o que acaba privando a pratica

daqueles alunos menos favorecidos, além também dos agrados que esses atletas possuem como a bolsa atleta que acaba por colocar em primeiro lugar para esses alunos o esporte em questão e não os estudos que seria o mais importante para esses alunos nessa fase.

Contudo, podemos concluir também que os treinadores de voleibol analisados pelo estudo em questão, realmente se preocupam com a construção de identidades e masculinidades de jovens atletas, visto que os treinadores convivam com esses atletas num período de transformações dos mesmos, onde passam por mudanças tanto anatômicas quanto psicológicas. Além de tudo, esses treinadores também tem a percepção do quanto é valioso o papel dos mesmos na construção de identidades de jovens atletas, assim sendo também na manifestação de masculinidades o que preparará o aluno para a vida. E esse papel os treinadores estão cientes de que são os protagonistas percursos dessas varias fases da vida dos atletas.

## REFERÊNCIAS

BARROSO, A.L.R. & DARIDO, S.C. **Voleibol escolar: uma proposta de ensino nas dimensões conceitual, procedimental e atitudinal do conteúdo**. Rev. bras. Educ. Fís. Esporte, São Paulo, v.24, n.2, p.179-94, abr./jun. 2010.

BICKEL, E. A.; MARQUES, M. G.; SANTOS, G. A. **Esporte e sociedade: a construção de valores na prática esportiva em projetos sociais**. Revista Digital. Buenos Aires, Ano 17, Nº171, 2012.

BOJIKIAN, J. C. M. **Ensinando voleibol**. São Paulo: Phorte, 183p, cap. 5. 2003.

BURITI, M. S. L. **Variáveis que influenciam o comportamento agressivo de adolescentes nos esportes**. In BURITI, Marcelo de Almeida (Org.). *Psicologia do Esporte*. Campinas: Editora Alínea, 2ª Edição, 2001.

CLEMENTINO, R.; JUNIOR, A. J. R apud ELIAS, R, 1992 **“Esporte na América Latina: atualidade e perspectivas**. Esporte, convívio, is. 1º encontro da Alesde Curitiba. 2008.

DAYREL, J. **O jovem como sujeito social**. Revista Brasileira de Educação. Belo Horizonte. Set /Out /Nov /Dez . n. 24. 2003.

FLOETER, G. S apud, ALMEIDA, M.V, 2003. **Novas Masculinidades? Um estudo sobre relações de gênero e sexualidade na UFSCar**. In: Seminário Internacional Fazendo Gênero 9, 2010, Florianópolis. Anais eletrônicos do Fazendo Gênero 9, 2010. v. 9. p. 1-6.

FLOETER, G. S apud ARÁN, M, 2003. **Novas Masculinidades? Um estudo sobre relações de gênero e sexualidade na UFSCar**. In: Seminário Internacional Fazendo Gênero 9, 2010, Florianópolis. Anais eletrônicos do Fazendo Gênero 9, 2010. v. 9. p. 1-6.

RESENDE.R . MESQUITA, I. FERNANDEZ, J. apud ABRAHAM, A. & COLLINS, D, 1998. **Concepções dos treinadores acerca dos conhecimentos e competências no exercício da função e de acordo com o gênero e a experiência**. Reveducfísic. v.2. p.12. Santa Catarina. Ago/2014.

RESENDE.R . MESQUITA, I. FERNANDEZ, J. apud CÔTÉ, J.; GILBERT, W, 2009. **Concepções dos treinadores acerca dos conhecimentos e competências no exercício da função e de acordo com o gênero e a experiência**. Reveducfísic. v.2. p.12. Santa Catarina. Ago/2014.

RESENDE, R. . MESQUITA, I. FERNANDEZ, J. apud DE MARCO, G. M.B, 1997, **Concepções dos treinadores acerca dos conhecimentos e competências no exercício da função e de acordo com o gênero e a experiência.** Reveducfisc. v.2. p.12. Santa Catarina. Ago/2014.

JESUS, D.S V. **Mundo macho: homens, masculinidades e relações internacionais.** Revista Brasileira de Estudos Políticos. Belo Horizonte. n. 109 .p. 309-364 | jul./dez. 2014.

KIMMEL, Michael S. **A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas.** Horizontes Antropológicos: Corpo Doença e Saúde, Porto Alegre, ano 4, n. 9, out. 1998, p. 103-118.

KIMMEL, Michael S, 1998 apud CONNELL, R.W 1997. **A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas.** Horizontes Antropológicos: Corpo Doença e Saúde, Porto Alegre, ano 4, n. 9, out. 1998, p. 103-118.

KIMMEL, Michael S, 1998 apud FOUCAULT, M 1997. **A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas.** Horizontes Antropológicos: Corpo Doença e Saúde, Porto Alegre, ano 4, n. 9, out. 1998, p. 103-118.

LACERDA, M. et al. **Um estudo sobre as formas de preconceito contra homossexuais na perspectiva das representações sociais.** revista psicologia, reflexão e critica. vol.15. nº 1. Porto Alegre, 2002.

LISBOA. M.M. **Representações do esporte-da-mídia na cultura lúdica de crianças.** Resumo da dissertação de mestrado em Educação Física (PPGEF/UFSC – 2007). São Paulo. 2007.

LISBOA. M.M apud OROZCO, G.G, 1993. **Representações do esporte-da-mídia na cultura lúdica de crianças.** Resumo da dissertação de mestrado em Educação Física (PPGEF/UFSC – 2007). São Paulo. 2007.

MACHADO. V; SEFFNER. F. **Florianópolis 1889/1930: estratégias de produção simultânea de masculinidades e subordinadas.** História (São Paulo) v.32, n.1, p. 354-773, jan/jun. 2013.

MANZINI, E. J. **A entrevista na pesquisa social.** Didática, São Paulo, v. 26/27, p. 149-158, 1990/1991.

OLIVEIRA, D.C.S, ELEOTÉRIO, 2014 apud FERNANDES, S.C 2010. **Entrelaçares entre conhecimentos, preferências e práticas de lazer de estudantes de nono ano em Muzambinho – MG.** 2014. 40 f. TCC (Graduação) - Curso de Educação Física, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais- Campus Muzambinho-Cecaes, Muzambinho, 2014.

OLIVEIRA, D.C.S, ELEOTÉRIO. D e MARTINS, M.Z, 2015 apud FERNANDES, 2010. **O voleibol como uma proposta pedagógica para a tematização do gênero e sexualidade na escola.** Anais dos XIX Congresso Brasileiro de ciência do esporte e VI Congresso internacional de ciências do esporte. Vitória-ES. p.3. 2015.

PEREIRA J.M. HUNGER D. **Formação e atuação profissional no voleibol: opinião de técnicos da cidade de São José dos Campos, SP.** Motriz, Rio Claro, v.9, n.2, p. 93 - 102, mai./ago. 2003.

SILVA, F.C. **A Juventude na Mídia Brasileira: estereótipos e exclusão.** Revista Anagrama – Revista Interdisciplinar da Graduação. São Paulo. v.4. Jan/Ago, 2004.

VOSER, R. C; GIUSTI, J. G. **O Futsal e a escola: uma perspectiva pedagógica.** Porto Alegre: Artmed, 2002.

## ANEXOS

### QUESTIONÁRIO

Cidade: \_\_\_\_\_

Tempo de Prática: \_\_\_\_\_

- Qual o seu tempo de prática com o esporte?
- Qual a sua experiência no esporte?
- Qual a sua experiência no Voleibol?
- Já presenciou algum caso de preconceito entre os atletas? Se sim, qual o tipo?
- Já teve de lidar com algum tipo de preconceito entre os atletas? Qual sua tomada de decisão?
- O voleibol é um esporte tido como feminino. Como você lida com isso? Acha certo? Como trabalhar essa questão com os atletas em sua opinião?
- Em sua opinião, o voleibol ajuda a construir a identidade de jovens? Se sim, o que você nota em relação a essa questão? Nota alguma mudança de comportamento deles com o início dos treinos?
- Em relação ao atleta, você acredita que existe um perfil ideal para se manifestar dentro e fora de quadra? Qual?
- Você acredita que as vivências que os atletas têm fora de quadra no seu cotidiano podem influenciar no seu perfil dentro de quadra seja nos treinos ou nos jogos? O que você pensa sobre essa questão?
- Quais são suas estratégias para convidar os alunos e fazer com que eles permaneçam nos treinos? Do convite e a motivação aos treinos motivastes.